

george martin the beatles



“Love” é o “novo” disco dos Beatles, banda antiga diz a biografia, banda nova dizem-nos os sons. Começou por ser um musical mas a banda sonora, a cargo do mítico produtor George Martin e do filho Giles, agradou tanto que se tornou projecto independente. Chamam-lhe uma história dos Beatles sem passar pela cronologia. Dura cerca de 80 minutos. Em Londres, George Martin evocou ao Y os seus tempos como produtor dos “fab four”. **MÁRIO LOPES**

O palco está montado no estúdio 3 de Abbey Road, em St. John's Wood. Lá fora, o dia corre com a bonomia habitual desta recatada área do noroeste londrino. Os reformados que percorrem os passeios, caminhando paralelos às residências abastadas, seguem descontraídos a rotina quotidiana. Param numa banca para comprar o jornal, em frente à estação de metro, cumprimentam com um aceno respeitoso a “madam” com que se cruzam em Grove End Road, mesmo em frente ao Hospital St John & Elizabeth, e um pouco abaixo, ao virar à direita, entram em Abbey Road.

Dentro de um carro, parado há um minuto em frente à passadeira, o condutor espera pacientemente. Quatro turistas japoneses simulam atravessar a

passadeira enquanto um quinto, no meio da estrada, máquina fotográfica na mão, procura apanhar os companheiros no enquadramento desejado. No passeio, um grupo de italianos espera o “clique” dos japoneses para lhes ocupar o lugar. Os reformados não se detêm – este é filme que vêem diariamente. Passo largo, avançam pela rua, passando as paredes toscamente grafitadas de Abbey Road, o estúdio, cobertas de mensagens que pessoas como aqueles japoneses e italianos ali vão inscrevendo.

Na sala 3 dos estúdios de Abbey Road, o cenário não é rotineiro. Desde cedo que por lá vão passando jornalistas vindos dos quatro cantos da Europa. Organizados em grupos que não ultrapassam a dezena, sentam-se nas poltronas instaladas num

artin apresenta beatles



estúdio onde, entre outros, passaram os Pink Floyd ou os Oasis. Preparam-se para ouvir em primeira-mão um disco que tem sido guardado a sete chaves – na sala só entram papel e caneta, como assegura o responsável pela segurança.

Chega a vez do grupo do Y e estamos afundados nas poltronas, de bloco de notas e esferográfica na mão. Perante nós, atrás de nós, acima de nós, um dos melhores sistemas de som que a tecnologia pode inventar – o momento é solene. É altura de apresentar “Love”, o “novo” disco dos Beatles, banda antiga diz a biografia, banda nova dizem-nos os sons que saltam das colunas, banda intemporal, confirmam os turistas que, no exterior, recriam em pormenor a capa de “Abbey Road” (1969). Em 80 minutos, ouvi-

mos a obra dos Fab Four centrifugada e reordenada, saltando do psicadelismo densamente orquestrado de “I am the walrus” para a pop irresistível de “I wanna hold your hand”, cruzando o ritmo alucinado de “Tomorrow never knows” com as texturas orientais de “Within you without you” – perfeita para pista de dança de 2006, este mash-up Beatles vs Beatles.

“Love” começou por ser um musical, coreografado pelo grupo canadiano Cirque Du Soleil – estreou em Junho em Las Vegas e, dado o imenso sucesso obtido, manter-se-á em cena por tempo indeterminado. Contudo, a banda sonora, que ficou a cargo de George Martin, o mítico produtor da banda, e do seu filho, Giles Martin, agradou tanto aos envolvidos que se tornou um projecto independente. Paul

McCartney, Ringo Starr, Yoko Ono e Olivia Harrison (viúva de George) não tardaram dar o sim ao pro-

‘love’ começou por ser um musical. a banda sonora, a cargo de george martin, o produtor da banda, agradou tanto que se tornou projecto independente

jecto e George e Giles mergulharam novamente nos arquivos dos Beatles para aprimorar o disco, criado a partir de todo o material gravado pela banda

desde a entrada nos estúdios da EMI, em 1962, até à última sessão, em Janeiro de 1970.

No dia 4 de Outubro de 2006, quando a imprensa europeia se reuniu em Abbey Road para ouvir o resultado final, um dos quadros do departamento de marketing da editora dizia-nos que, no final da noite de estreia de “Love” em Las Vegas, comentou para um amigo sentir-se muito velho depois de ouvir aquela música. “O que quer dizer com isso?

A música não soa velha”, exclamou uma mulher que, atrás de si, tinha apanhado o desabafo. “Não estava a falar da música”, explicou-se. “A música >

este é o seu presente

Estilhaçaram fronteiras estéticas, criaram novos paradigmas por recusarem paradigmas. Quatro décadas depois, estão por todo o lado, tão modernos e progressistas quanto sempre foram. **Mário Lopes**

comentário

Numa entrevista aos Arcade Fire publicada na webzine Pitchfork, em Fevereiro de 2005, falava-se a certo momento do som Motown e do brilhantismo do seu catálogo, facto do qual, dado o som da editora ser algo tão próximo, sempre presente, entrevistador e entrevistado só se tinham consciencializado recentemente. Sequência disso, diz o jornalista: "Aconteceu-me o mesmo com os Beatles. Tinha ouvido aquelas canções milhões e milhões de vezes, mas um dia ouvi-as de uma maneira completamente diferente, ouvi neles este génio incrível que, de alguma forma, me tinha escapado todas as outras vezes que os tinha escutado". Atente-se na resposta que Win Butler, compositor, multi-instrumentista e vocalista da banda canadiana, oferece ao comentário: "Comparem o 'I am the walrus' com qualquer uma das canções de 'Funeral' e deixem-me em paz".

Os Arcade Fire, como se sabe, eram nessa altura recebidos como a quintessência da música pop, a banda de uma geração, a oitava maravilha do mundo e todos esses exageros que merece um grupo que se estreia com um álbum como "Funeral". Continuava Butler: "Estou apenas a dizer que o arranjo de cordas e o som de bateria e o som das vozes [de 'I am the walrus'] são uma obra de arte. E foi [editado] há 40 anos. Ou seja, é como que 'ups, temos que nos actualizar'".

Os Beatles em 2006 são um lugar-comum que atravessa os tempos como um dos símbolos (o maior?) da cultura pop do século XX. Contudo, por serem tidos como adquiridos, reduzem-se muitas vezes a uma caricatura que não os permite a perceber na totalidade. Repetem-se as imagens das multidões em êxtase no aeroporto JFK, à chegada a Nova Iorque, e ouve-se pela enésima vez "She loves you" e "I wanna hold your hand" como representações do início da rebelião de 60. Depois, como se nada se tivesse passado entre-tanto, desembocamos nos hippies em Woodstock e em todo o "festival" contra-cultural da época. Estranhamente – ou talvez não, assim funciona a pernicioso nostalgia –, é a sua própria geração a perpetuar a caricatura, fazendo equivaler Beatles a "cabelo comprido", "paz e amor" e "she loves you" – "Yeah!". Remetem-nos para o papel de figuras de um passado que já não existe e, paradoxalmente, utilizam os mesmos argumentos para os afirmar de intemporalidade garantida.

E, no entanto, por baixo dos clichés, a praia. Em oito anos, numa espiral criativa irrepitível, os Beatles criaram as fundações da pop tal como a entendemos hoje. Estilhaçaram fronteiras estéticas, criaram novos paradigmas precisamente por recusarem paradigmas e, quatro décadas depois, estão por todo o lado, tão modernos e progressistas quanto sempre foram. Win Butler falava de "I am the walrus" e dizia que os Arcade Fire tinham que se actualizar. Os Chemical Brothers levaram o "big-beat" a estádios por esse mundo fora e essa modernidade é a de "Tomorrow never knows", canção de encerramento de "Revolver" (1966). E, porque os exemplos são do tamanho da discografia, nem falamos de rock'n'roll mais violento, mais sónico, que se revela ainda em "Helter skelter", não referimos o psicadelismo agressivo de "Rain", ideal para discoteca de 60, para a Madchester de 80 ou para clube subterrâneo de 2006, e passamos à frente a evidência que o som de bateria, cheio e rude, de "Strawberry fields forever" ou "Magical mystery tour" continua a ser alvo perseguido com avidez – do ribombar dos Flaming Lips à folktrónica de Caribou.

Sem Brian Wilson, pegando em palavras de João Bonifácio acerca de "Pet Sounds", "ainda andávamos em quatro patas". Sem a alquimia pop de "Rubber Soul" dificilmente teríamos "Good vibrations" ou "God only knows" – e, sem elas, metade da pop da actualidade, da mais escorreta à mais elaborada, desapareceriam do mapa.

Em 1962, a aparição de quatro músicos que não só tocavam como banda como compunham as suas próprias canções, foi revelação semelhante à explosão punk – num repente, miúdos do mundo inteiro perceberam que também o podiam fazer. Depois, em expansão constante, "limitaram-se" a inventar tudo o que havia para inventar. Quem? Esses mesmos, os tais da franja que há muito, muito tempo, levavam as miúdas a um histerismo insuportável. Elas já não gritam e as franjas já não existem, mas os Beatles reproduziram-se por todo o lado – não há forma de lhes escapar, não há nostalgia e caricatura que os deixe apagarem-se. São tramados de resistentes os genes daqueles quatro tipos.

Como todos sabemos, Deus tem quatro faces: John, Paul, George e Ringo...

> soa tão jovem agora como quando foi gravada. Eu cresci com ela e ouço-a agora e está fresca e vibrante. Eu é que estou muito mais velho, mais consciente da minha mortalidade".

uma vida juntos. O grupo de jornalistas onde se integra o Y, agora reunido numa sala do Edifício Interactivo de Abbey Road, satisfaz a curiosidade quanto à história do local com um dos funcionários. George e Giles Martin, dizem-nos, estão atrasados mas chegarão a qualquer momento para a entrevista. Num repente, abre-se a porta e entram o enérgico e afável George, 80 anos, e o sorridente e despachado Giles, 36.

George Martin, produtor fulcral na história da pop, homem que viveu por dentro dos delírios da Beatlemania, mantém o ar fleumático de sempre. Trocou o fato que lhe associamos por roupa mais formal e as rugas denunciam-lhe a idade. Bem-humorado, desfia memórias desses oito anos que partilhou no estúdio com os Beatles. Orgulhoso do seu trabalho e da sua história, dir-nos-á: "Estavam sempre a perguntar-me por novos sons, a querer saber mais. Eu introduzi-os a uma série de coisas que desconheciam, eles obrigavam-me a oferecer-lhes melhor material". Isto para a conclusão: "Levaram-me ao limite o tempo todo mas, honestamente, não acho que me tenham ensinado nada".

George Martin, recorde-se, pertencia aos quadros da EMI desde o final da década de 40. Músico de jazz durante a II Guerra, com formação na área da erudita e versado numa série de instrumentos, tinha gravado música clássica, editado musique concrète e exercitado a veia experimentalista em colagens sonoras para discos de Peter Sellers ou Peter Ustinov. Não seriam quatro miúdos do rock'n'roll que, nas suas próprias palavras, "tinham umas primeiras canções que eram lixo" – "o 'Love me do' foi o melhor que conseguimos arranjar desse material inicial e, mesmo assim, não era grande canção" –, a ensinar-lhe o que quer fosse. E no entanto, o braço adoptado por Martin quando lhe foi atribuído o título de Sir tem como mote "All you need is love". E no entanto, há um momento em que lhe perguntam qual a sua contribuição para a impressionante evolução estética dos Beatles, que passaram da simplicidade eficaz de "She loves you" à inventividade de "A day in the life" em meros quatro anos, e George faz uma pausa antes de responder. Por um breve momento, de olhar ausente da sala, ocupado em imagens que a pergunta suscita, suspira: "passámos por uma vida juntos, não passámos?". Não se demora o sentimentalismo. Acto contínuo, regressa o conversador avesso a nostalgia – esse que se refere sempre aos Beatles no presente, como se a separação em 1970 não tivesse implicado o fim da banda. Responde então: "O meu trabalho no início era fornecer ideias para o princípio e o fim das canções ou onde incluir os solos. Tudo muito simples. Daí, passámos para a enorme complexidade de coisas como 'I am the walrus' ou as sequências do lado B de 'Abbey Road', que estavam a milhas do quase 'bubblegum' de 1962 e 1963. Em termos de produção, é uma vida. A minha produção foi evoluindo à medida que me tornava mais participante e maestro. Mas, muitas vezes, também eles eram maestros".

Como dessa vez, conta-nos, em que acordou com Lennon tocar um harmónio em "Being for the benefit of Mr. Kyte", momento de delicioso surrealismo circense em "Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band". "Fui para aquele maldito harmónio em que, para produzir som, tinha de me sentar e pedalar como um louco enquanto tocava as teclas. Eles adoraram ver-me a fazê-lo. Adoraram porque estavam na sala de controlo, com as posições invertidas. Eu a sua, os meus dedos a escorrer suor sobre as teclas, exausto, e eles a divertirem-se na sala de controlo: 'Está muito bom George, mas precisamos de mais um take'".

George Martin pode dizer que nada aprendeu com os Beatles e pode até ter razão – tecnicamente, isto é. Aquilo que a conversa denuncia, porém, é uma vontade de esbater as distâncias entre si e a banda que gravava e, num par de momentos em que se expõe inadvertidamente, uma terna admiração pelo talento daquele que se tornaria o grupo mais importante da música popular urbana. Incomoda-se, por isso, com a referência ao fosso geracional que os separava.

"Fala-se da minha relação com os Beatles como a de um reitor com os alunos ou de classe alta vs classe operária mas tudo isso é uma treta. O Paul >



não são maus, pois não? são muito, muito bons **george martin**

e agora algo um pouco diferente...

Quando, na entrevista publicada ao lado, se aborda a fase mais experimentalista dos Beatles, George Martin refere que "inverter sequências de som, fazer colagens sonoras e edições estranhas era algo que, de qualquer maneira, já fazia há muito". Produtor da EMI desde o final dos anos 40, é certo que o fazia num contexto de "musique concrete" ou na elaboração de paisagens sonoras para discos de spoken-word. Contudo, tal aplicação a um contexto pop, para o qual foi estimulado pela criatividade transbordante dos Beatles, surgiu como algo revolucionário – depois deles, nada foi o mesmo. "Love", que olhando para o alinhamento não passa de nova colectânea de uma banda que as tem em número elevado, é a aplicação a todo o catálogo dos Beatles "disso" que George já fazia há muito. Fincando os pés em 2006, é a carreira da banda montada em DJ set talentoso. Nascido como banda sonora de um musical, é mais ambicioso que a simples colagem de canções que se esperaria de um espectáculo desse tipo, ainda para mais em cena em Las Vegas.

Agrupando harmonias e melodias em novas combinações, estimulando colisões inesperadas de canções, vasculhando o baú de raridades em busca de novas leituras e recolhendo sons que os microfones captaram quando os instrumentos se silenciavam, é uma viagem pela criatividade dos Beatles sem cronologia e com o peso histórico esbatido pela vontade de ser, essencialmente, a representação de um legado sonoro. É-o nos farrapos de canções que se suspendem em território alheio – como no "Drive my car" onde cai a "french horn" de "The word", onde surge o infernizado solo de guitarra de "Taxman". É-o quando assistimos à reconstrução em tempo real de "Strawberry fields forever", crescendo entusiasmante desde a guitarra slide do início ao portentoso orquestral final – mas anda por lá "Penny lane" e há-de ouvir-se tudo aquilo desembocar na pop soalheira de "Hello goodbye". Delicioso exercício de "songspotting" – os conhecedores podem organizar concursos de identificação de cada um dos sons –, colectânea que consegue escapar à banalidade de ser apenas mais uma, "Love" tem contra si ser conceito não explorado na totalidade. Para cada fascinante revelação, como a colagem de "Tomorrow never knows" com a linha vocal de "Within you without you", que devia ser distribuída em single a todos os DJs deste mundo, há o conservadorismo de limitar o experimentalismo às passagens entre canções – "I am the walrus", "Yesterday" ou "I wanna hold your hand", por exemplo, surgem intocadas. Essa é a maior mácula de "Love". Claro que a música é da mais importante que o século XX conheceu – e que o século XXI conhecerá – mas isso, no ano da graça de 2006, já não será novidade para ninguém. M.T.



THE BEATLES
Love
EMI Music Portugal
7/10

(Pisa-Papéis)

Edição 2007/08 Revista para artistas produtores e programadores
Inscrições abertas até 23/12
Info: 213 468 011 / www.pisa-papeis.com



Programa Operacional Sociedade do Conhecimento
POS CONHECIMENTO

UNIAO EUROPEIA
FEDER

a mística de **abbey road**

Abbey Road integra o folclore da cultura pop por ter albergado os Beatles na esmagadora maioria das suas sessões de gravação. Não espanta portanto que o estúdio 2, que ocuparam quase em exclusividade, se mantenha inalterado desde os anos 60. Se as outras três salas que compõem o complexo de Abbey Road – uma casa de campo construída em 1831 e transformada em estúdio precisamente um século depois –, sofreram obras de modernização, naquele caso, como explicava ao Y um dos funcionários, ninguém mostrou até hoje coragem para o fazer. “Se o alterassem, a lista de marcações, grande como um braço, diminuiria drasticamente. Os artistas escolhem-no pela ambiência e pela história do local”. Abbey Road, que se chamava EMI Studios – o novo baptismo surge após os Beatles terem editado o álbum com o mesmo nome – e se dedicava quase em exclusivo à gravação de orquestras, vive entre a necessidade de acompanhar a evolução dos tempos e o desejo de preservar a identidade que lhe deu fama. Passeando pelos corredores do edifício, ao depararmos-nos com velhas mesas de mistura, com sintetizadores arcaicos e teclados ‘vintage’, quase imaginamos um museu de história pop. Afinal, desde que em 1958 Cliff Richard & The Drifters (os futuros Shadows) inauguraram o rock’n’roll em Abbey Road, passaram por lá os Hollies, Donovan ou os Pretty Things, nasceram discos como “The Piper At The Gates Of Dawn” e “Dark Side Of The Moon”, dos Pink Floyd, ou “What’s the Story (Morning Glory)”, dos Oasis. Quando o Y visitou Abbey Road, diziam-nos com secretismo que a lista de celebridades podia ser engrossada com uma famosa banda irlandesa, cujo nome não podiam revelar, que algumas semanas antes havia ocupado um dos estúdios. O segredo eram os U2, que em Setembro ali iniciaram as gravações do sucessor de “How To Dismantle An Atomic Bomb”. Porém, apesar de aura museológica que o rodeia, é um estúdio activo e fervilhante – e assim quer permanecer. Os instrumentos espalhados pelos corredores, asseguram-nos, só se encontram ali por falta de espaço onde os acomodar – e, naturalmente, não os deitarão fora. Apesar de ocasionalmente surgirem empresários com a ideia de transformar o espaço num museu, a ideia dominante é que isso destruiria por completa a “mística” do local. Abre-se regularmente a programas televisivos ou de rádio e já foi ali organizado, em 2005, um festival de cinema – a produção de bandas sonoras é uma constante desde 1980; no ano seguinte, seria ali gravada a de “Salteadores Da Arca Perdida” –, mas manter-se-á, primordialmente, como aquilo que vem sendo desde 1931: um estúdio de gravação de música. M.L.



> e o John tiveram uma educação muito boa, semelhante à minha”. Um pouco antes, recordava o momento em que Lennon lhe apresentou “Strawberry fields forever” e confessava: “O John cantou-ma na sua guitarra acústica e foi um dos momentos mais emotivos que já vivi. É uma canção tão maravilhosa. Ainda hoje me emociono com ela”. Interpõe-se o humor sarcástico do amigo e George Martin, recuperando a pose, conclui a história. “John, essa é uma canção fantástica”, disse-lhe eu. ‘O que vais fazer com ela?’ E então ele faz-me descer à Terra quando, muito sério, me responde: ‘Bem, esse é o teu trabalho, não é?’”.

Com George Martin a memória dos Beatles, com o filho Giles, braço direito na elaboração de “Love”, um olhar distanciado incapaz de esconder o fascínio. Perguntam-lhe se, ao ter acesso aos masters originais, se sentiu a entrar em “território sagrado” e ele prefere a expressão “máquina do tempo”. Utiliza-a, mas apenas para acentuar: “Aconteceu-me o mesmo que na altura das ‘Anthology’ [editadas entre 1995 e 1996]. Nada naquela música soa a velho. De facto, não se pode fazê-la soar mais nova. Não é uma retrospectiva dos bons velhos tempos, é o som de uma banda no topo das suas capacidades”. Por isso “Love”, que Giles define como “uma história dos Beatles sem passar pela cronologia – uma história de ideias, uma compilação dos seus sons e estilos musicais –, sendo um disco que pretende reintroduzi-los na actualidade sob uma nova luz, não investiu em qualquer ‘upgrade’ tecnológico da música.

“Não precisámos de criar novos sons, não há ‘beats’, novos baixos, novas baterias [excepção feita à secção de cordas composta por George Martin para uma sequência com “While my gui-

tar gently weeps”]. Se se desmantelar uma canção dos Beatles ela estaleta-se rapidamente. Os sons estão organizados de forma tão inteligente que nem são necessários muitos elementos para criar um todo grandioso – ‘Lucy in the sky with diamonds’, ‘a’ canção psicadélica dos Beatles, tem apenas teclas, baixo, voz e um drone em fundo”.

fala-se da minha relação com os beatles como a de um reitor com os alunos ou de classe alta vs classe operária mas tudo isso é uma treta george martin

Que existe algo de especial nesta música já todos percebemos há muito – os anos passam, mas o fascínio e a influência daquilo que os Beatles criaram mantêm-se inalterável. Uns, porém, perceberam mais cedo que outros. E a falta de consciência dessa relevância surge dos locais mais insuspeitos. George Martin? Ele mesmo: “Trabalhei com eles durante quase dez anos, mas num período tão intenso, em que estava tão incrivelmente ocupado [nos anos 60, os Beatles foram ‘apenas’ uma das dezenas de bandas que produziu], que nunca parei para fazer julgamentos de valor. Fiz apenas o que achava correcto e esperei que isso funcionasse. 40 anos depois, quando já se tem o privilégio do distanciamento, olhamos novamente e comentamos para nós próprios: ‘Não eram maus, pois não? Eram muito, muito bons’”. Ora, ora George, passa o tempo a falar deles no presente e, logo aqui, escolhe referi-los no passado? Não eram maus. São muito, muito bons. Assim é que está correcto.

O Y VIAJOU A CONVITE DA EMI MUSIC PORTUGAL

A NÃO PERDER >>

22 de Novembro
Rua Magna /// Lisboa

23 de Novembro
Teatro Circo /// Braga

24 de Novembro
Hard Club /// Vila Nova de Gaia

participação especial
Manuela Rzevedo (Cia)

TICKETLINE

Os grandes acontecimentos passam por aqui

INFORMAÇÕES | RESERVAS
707 234 234
www.ticketline.sapo.pt
Abreu | Fnac